



Tatiana Filipa Pires Ribeiro

Os (des)laços da rua

Universidade Lusófona do Porto
Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto

Porto
Dezembro 2017

Os (des)laços da rua



Tatiana Filipa Pires Ribeiro

Os (des)laços da rua

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia
30/11/2017, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva

Arguente: Prof.^a Doutora Andreia de Paiva Ribeiro de Moura

Orientador: Prof.^a Doutora Joana Maria Barreto Ramos de Almeida Cabral

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto

Porto
Dezembro 2017

Agradecimentos

A concretização deste trabalho muito deve ao apoio e colaboração de pessoas próximas, a quem gostaria de agradecer.

À minha orientadora, Professora Doutora Joana Cabral, por ao longo destes anos ter contribuído de forma ímpar para o meu desenvolvimento académico e pessoal.

Em especial, aos meus pais e irmã, pelo apoio e por tornarem possível este percurso académico.

Ao meu namorado, António, por me ajudar sempre nos meus momentos mais difíceis!

À minha querida amiga, Catarina Rocha, pelos três anos de licenciatura inesquecíveis e pelo apoio indireta e diretamente no mestrado.

Aos meus colegas e amigos da Universidade, Bruna, Denise, Luciano, Sofia e Manuela, o meu sincero obrigada, vou levar-vos sempre no meu coração!

Resumo

Nos dias de hoje continuam a existir pessoas a viver em condições de carência quer material, quer afetiva, condições que são adversas ao desenvolvimento biopsicossocial de um ser humano. Desta forma, o presente estudo pretendeu explorar a perceção sobre a rede de suporte e relacional das pessoas em situação de sem-abrigo, procurando explorar a história das relações desde a infância até às relações atuais. Na amostra deste estudo três dos participantes estão em situação de sem-abrigo, sendo que um encontra-se fora desta condição, mas em situação económica e de habitação precárias. Os participantes têm idades compreendidas entre os 30 e os 50 anos. Administrou-se uma entrevista semiestruturada adaptada do guião da entrevista de McAdams (1995), *The Life Story Interview*, focando alguns tópicos do guião (resumo e fases da história, momentos importantes, desafios, futuros possíveis). Para a análise dos dados utilizou-se o *NVivo 11 software* e posteriormente a análise temática. Os resultados deste estudo apontaram para a importância das relações sociais, quer como causa quer como a solução desta condição. A população em situação de sem-abrigo valoriza, principalmente, a relação com os técnicos e voluntários de rua que tentam combater o isolamento.

Palavras-chave: sem-abrigo; rede de suporte; vinculação; relações familiares; experiência de abandono e rejeição; instituições; voluntários;

Abstract

Nowadays, there are still people living in conditions of both material and affective deficiencies, conditions that are adverse to the biopsychosocial development of a human being. Thus, the present study aimed to explore the perception about the support and relational network of homeless people, seeking to explore the history of relationships from childhood to current relationships. In the sample of this study, three of the participants are homeless, and one is out of this condition, but in a precarious economic and housing situation. Participants are between the ages of 30 and 50. There was a semi-structured interview adapted from McAdams' 1995 interview, The Life Story Interview, focusing on some topics in the script (summary and phases of the story, important moments, challenges, possible futures). For the analysis of the data the NVivo 11 software was used and later the thematic analysis. The results of this study pointed to the importance of social relations, both as a cause and as a solution to this condition. The homeless population values, in particular, the relationship with technicians and street volunteers who try to combat isolation.

Keywords: homeless; support network; linkage; family relationships; experience of abandonment and rejection; institutions; volunteers;

Índice

Introdução	9
Desafiliação.....	11
Vinculação em pessoas em situação de sem-abrigo.....	11
Rede de suporte em pessoas em situação de sem-abrigo	13
Objetivos e questões de investigação	14
Método	15
Participantes	15
Procedimentos	16
Materiais/instrumentos/medidas	16
Metodologia de análise	17
Resultados.....	17
Discussão dos resultados	22
Conclusão	24
Considerações finais: limitações, sugestões e contributos	25
Referências	27
Anexos	30

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caracterização dos participantes.....	16
Tabela 2: Relações Familiares	17
Tabela 3: Experiência de abandono e rejeição	18
Tabela 4: Percepção de suporte social	19
Tabela 5: Perdas.....	19
Tabela 6: Relações de amizade.....	20
Tabela 7: Relações amorosas.....	21
Tabela 8: Técnicos e voluntários	21

Introdução

Atualmente, existem ainda poucos estudos sobre a rede de suporte informal de quem vive na rua. Nas sociedades contemporâneas a problemática dos sem-abrigo aparece como uma realidade incontornável (Jesus & Menezes, 2010; Quintas, 2010). As pessoas em situação de sem-abrigo estão frequentemente expostas à experiência de abandono e de perda, experienciando uma vida de solidão. Todos os dias saem à rua pessoas particulares, grupos de ajuda e instituições na tentativa de satisfazer as necessidades básicas e também de promover a esperança de uma vida menos solitária e desigual. Reconhece-se ainda que os pares são outra das fontes cruciais de suporte e afiliação (Bento & Barreto, 2002). Assim, considerando que estas relações informais são, às vezes, as únicas disponíveis como suporte a estes sujeitos, é fundamental perceber qual a rede de suporte das pessoas em situação de sem-abrigo.

Devido à crise económica sentida a nível nacional, a condição de sem-abrigo tornou-se um fenómeno mais visível, nomeadamente na cidade do Porto. Precisamente pela condição ter aumentado, também foram aumentando o número de instituições de suporte às pessoas que estão nesta condição. Ao longo dos últimos dois anos, tive experiência de voluntariado com esta população, como tal, pareceu-me pertinente realizar um estudo nesta área com o objetivo de aumentar a visibilidade do que se passa no dia-a-dia destas pessoas, para se mobilizarem ainda mais auxílios (políticos ou não) e consequentemente reduzir o fenómeno.

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes principais. Numa primeira parte, fez-se uma revisão da literatura na tentativa de aprofundar o conceito e definição da condição, (des)vinculação nesta população, relações de suporte associadas à mesma.

A segunda parte, passa pela metodologia ser posta em prática, sendo explicados os vários passos dados para a boa realização de todo o trabalho de campo, nomeadamente no contacto com as pessoas em situação de sem-abrigo. Finalmente, a terceira e última parte, consiste nas conclusões retiradas da associação da parte teórica à parte prática, onde são apontados os principais desafios encontrados, bem como algumas reflexões para futuras pesquisas.

Definição Sem-abrigo

Não existindo uma definição consensual, a situação de sem-abrigo é explicada como uma condição de carência de residência fixa, laços sociais, relações comunitárias e ainda a falta de meios para reverter essas carências (Aldeia, 2012; Bento & Barreto, 2002). O fenómeno ocorre por vários fatores, tais como o desemprego, a falta de habilitações, a guerra, a discriminação racial, a incapacidade física e a combinação de estes e outros fatores (Miguel, Ornelas, & Maroco, 2010).

Existem fatores causais de ordem estrutural e individual que podem explicar a condição de sem-abrigo. A condição de sem-abrigo é muitas vezes resultado da condição primária de pobreza, considerando alguns que a condição de sem-abrigo é a consequência da perda da sua casa. Contudo, outros autores destacam ainda a existência de outros fatores que ajudam a explicar a condição de sem-abrigo, nomeadamente as perturbações psiquiátricas, os défices educacionais e profissionais, a desafiliação e a identificação cultural (Bento & Barreto, 2002).

O termo sem-abrigo, atualmente, vai mais além do que a questão habitacional, da pobreza e da exclusão social (Bento, & Barreto, 2002). A FEANTSA (Federação Europeia dos Serviços para Pessoas Sem Abrigo) e o Observatório Europeu do Sem-Abrigo concluíram que “sem-abrigo é uma pessoa incapaz de aceder e manter um alojamento pessoal adequado pelos seus próprios meios, e incapaz de manter o alojamento sem a ajuda dos serviços sociais” (Munoz & Vasquez, 1998).

Mediante o esclarecimento das designações anteriores, podemos afirmar que o conceito que emerge, é o de qualquer pessoa que, independentemente da sua nacionalidade, idade, género, condição socioeconómica e estado de saúde física e mental, se encontre reiteradamente sem teto, a viver num espaço público, alojada em abrigo de emergência ou num lugar precário não público, ou seja, num alojamento por definição temporário (Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo: Prevenção, Intervenção e Acompanhamento, 2014).

Sendo a ausência de habitação o aspeto mais visível da condição de sem-abrigo, é de salientar que a gravidade e a adversidade de tal situação afetam outras necessidades tais como a saúde e o acesso ao emprego e, conseqüentemente, à reintegração social. Muito se tem escrito no que respeita à relação entre saúde mental, consumo de substâncias e condição de sem-abrigo. Alguns autores argumentam que estes problemas poderão estar na origem da condição, outros afirmam, antes, que viver na rua é um fator *stressante* que, este sim, conduz aos problemas em questão. No entanto, a causalidade não está estabelecida de forma

unívoca, havendo mesmo autores que defendem que esta não é direta e linear. Ainda assim, a associação entre os fenómenos é evidente e demonstra como a saúde mental não pode ser tratada isoladamente, tendo que ser considerado o contexto social (e.g. estatuto social, pobreza e relações sociais) para a sua compreensão (Bento & Barreto, 2002; Fabian, 2013).

Desafiliação

Segundo Katz e colaboradores (1993 *cit. in* Bento & Barreto, 2002), as pessoas em situação de sem-abrigo são quase sempre desafiliadas, pois perderam família, amigos e apoios institucionais, consequentemente a condição de sem-abrigo parece ser uma “defesa psicótica” contra o envolvimento humano.

A condição de sem-abrigo tem sido associada a três fatores causais: perturbações psiquiátricas, défices educacionais e profissionais, desafiliação e a uma identificação cultural com o *modo de vida na rua*. Relativamente à doença mental (e.g. psicoses) e ao consumo de álcool e substâncias tem-se verificado que é significativamente prevalente nesta população. Os défices educacionais e profissionais aparecem face à cada vez maior exigência, competitividade e precariedade do mercado de trabalho, sendo que aqueles com menos educação e qualificação profissional se encontram mais vulneráveis ao desemprego (Bento & Barreto, 2002).

Segundo Bahr (1973 *cit. in* Bento & Barreto, 2002) a desafiliação é um processo contínuo de perda de laços afiliativos com as várias estruturas sociais (família, escola, trabalho, religião, política e lazer). A desafiliação encontra-se ligada ao indivíduo em si e à sociabilidade, ou seja, a desafiliação representa a ligação entre o indivíduo e o grupo (La Gory, Ritchey, & Fitzpatrick, 1991).

Vinculação em pessoas em situação de sem-abrigo

Segundo o estudo de Cockersell (2013), há diferenças nas histórias de quem vive na rua. Alguns vivem na rua por circunstâncias económicas, alguns por migração e também por fim das relações. O conceito “doença dos laços”, criado pelo sociólogo Vexliard (sd. *cit. in* Bento & Barreto, 2002) tem sido utilizado nesta população. A “doença dos laços” caracteriza-se pelo desapego dos sem-abrigo o que levará a vínculos pouco duradouros e muitas vezes frágeis.

Segundo Bento e Barreto (2002) “a vinculação é um sistema que estrutura a afetividade e a proximidade/distância relacional”, e assim o é para a população normativa

como para aqueles em situação de sem-abrigo. Vinculação refere-se a um vínculo afetivo duradouro, assumindo-se que desde a nascença existe uma tendência inata para ter uma ligação com os seus cuidadores primários. Nos adultos, estas relações decorrem da necessidade de manter um sentido de segurança interna e de coesão do *self* (Bartholomew, 1990; Bretherton, 1990). O comportamento funcional de vinculação desenvolve-se precocemente no ciclo de vida e é rapidamente ativado de forma particularmente intensa, mesmo face a pequenas ameaças. Já na fase adulta, o comportamento de vinculação é usualmente ativado em níveis mais baixos de intensidade e face a *stressores* de maior gravidade (Bowlby, 1980).

Bowlby defendeu que desde a infância e com base nas relações de vinculação se constroem representações internas sobre o próprio e os outros que, mais tarde, serão elementos organizadores da personalidade e dos modos de relacionamento interpessoal (Bartholomew, 1990; Bowlby, 1980). O autor enfatizou ainda que a capacidade de estabelecer ligações afetivas mais tarde pode decorrer da qualidade das experiências de vinculação durante a infância e adolescência e resultar em dificuldades relacionais em adulto, incluindo problemas nas relações românticas e no casamento, com os filhos e outros familiares e também sintomas neuróticos e perturbação de personalidade (Bartholomew, 1990).

São identificados, então, dois modelos: o do *self* e o dos outros. O primeiro diz respeito à forma como o próprio indivíduo se percebe como amável e competente e o segundo à perspetiva dos outros como mais ou menos disponíveis para responder às necessidades afetivas. A literatura sobre o tema tem vindo a demonstrar que uma história relacional adversa e pouco securizante pode levar alguns indivíduos a evitar a intimidade e a proximidade emocional, por medo da rejeição e porque se vêem a si próprios como não merecedores do amor e do suporte dos outros (Bender, Thompson, McManus, Lantry, & Flynn, 2007). Nesta situação podem chegar a demitir-se de ter intimidade e de investir em relações próximas, minimizando a consciência subjetiva de aflição ou das suas necessidades sociais (Bartholomew, 1990).

Na idade adulta verificam-se dois estilos ou padrões de vinculação em que predomina o evitamento da intimidade. O estilo amedrontado que é caracterizado por um desejo de proximidade e contacto que, simultaneamente e de forma ambivalente é inibido pelos medos das suas consequências. O estilo de desinvestido é caracterizado por uma negação defensiva da necessidade ou desejo de contacto social e proximidade emocional (Bartholomew, 1990).

Rede de suporte em pessoas em situação de sem-abrigo

O conceito de percepção de suporte vem desde há muito tempo e é enfatizado na psicologia social e na área de investigação da ansiedade (Sarason & Sarason, 1985). O suporte percebido refere-se à crença individual acerca de ter ajuda ou empatia quando é necessária (Sarason & Sarason, 1985). O suporte social tem-se revelado moderador do *stress* na sua relação com a saúde física e mental (particularmente no *stress* experienciado face a eventos de vida negativos) (Sarason & Sarason, 1985). Segundo Alarcão “a rede social desempenha um papel importante de suporte e é dividida em quatro quadrantes principais: família, escola/profissão, amizade, comunidade (vizinhança e instituições)”.

A percepção de falta de suporte e ausência de relações satisfatórias, os sentimentos de isolamento e solidão podem estar associados a perdas de suporte na infância e a sentimentos provenientes de relações inseguras com as figuras de vinculação (Sarason & Sarason, 1985). Estando em contacto com os sem-abrigo, os autores Bento e Barreto (2002), verificaram que as relações de casamento, com os filhos, com os pais e com os irmãos parecem estar perturbadas. No estudo de Williams e Sitckley (2011) concluiu-se que maior parte dos participantes deixaram de ter relação com a família antes de estarem na condição de sem-abrigo.

Quando um indivíduo começa a sua vida na rua percebe maior confiança e segurança quando pertence a um grupo, no entanto, também valorizam a independência para aprenderem a sobreviver sozinhos (Kidd & Davidson, 2007). Muitos indivíduos em condição de sem-abrigo formam “famílias substitutas” com outros pares em situação de sem-abrigo em que criam ligações, aumentando assim o sentimento de pertença e segurança (Bender *et al.*, 2007). Os técnicos que trabalham com pessoas em situação de sem-abrigo são, a maior parte das vezes, as únicas relações que estas têm, sendo por isso fundamental que tenham em conta suas necessidades, bem como a dificuldade que têm no estabelecimento de uma relação de confiança. Devem ainda, considerar o seu estado de saúde mental e responder às suas necessidades de forma efetiva para promover o seu bem-estar (Fabian, 2013).

As informações pessoais partilhadas por estes sujeitos são limitadas, especialmente com quem ainda não sentem que conquistou a sua confiança (Bender *et al.*, 2007). No entanto as diversas formas de proporcionar suporte são fundamentais para combater a solidão, providenciar segurança e contribuir para o aumento da autoestima, evidenciando o sentimento de comunidade, companhia e camaradagem na rua (Kidd & Davidson, 2007).

Dados de estudos empíricos demonstraram que a população sem-abrigo sente-se pouco à vontade na presença de outros, demonstrando falta de confiança e descontentamento relativamente às relações interpessoais, validando os sinais de evitamento e revelando uma excessiva preocupação com a possibilidade de serem rejeitados (Carrinho & Pereira, 2010; Bento & Barreto, 2002). A procura de proximidade é desativada, é vista como perigosa ou desvalorizada, por isso adotam estratégias como a negação de necessidades de vinculação, a desvalorização das ameaças e a negação da necessidade da figura de referência. Estas estratégias estão de acordo com os padrões de vinculação evitante, mais concretamente, com a satisfação das necessidades mantendo a distância e a desvalorização dos sentimentos negativos que possam ativar o sistema de vinculação (NPISA, 2013).

As pessoas em situação de sem-abrigo têm laços limitados com as famílias, proporcionando um impacto negativo nas suas identidades; sentem-se emocionalmente magoados e rejeitados, descrevendo a importância de serem compreendidos, ligados e apoiados por outras pessoas, valorizando os amigos e companheiros (Bender et al., 2007; McBride, 2012; Williams & Stickley, 2011; NPISA, 2013; FPCEUC, 2015; Barreto, 2000; Kidd & Davidson, 2007).

O Relatório Provisório do Estudo Situação de Sem-abrigo e Inclusão Laboral: O valor do trabalho e das relações, evidenciou que os participantes na condição de sem-abrigo destacaram experiências traumáticas na infância, tais como, sofrer/assistir a violência doméstica na família, abusos sexuais, negligência parental, o que causou repercussões nas trajetórias de vida destes indivíduos. E por isto, para grande parte dos indivíduos, viver na rua significa o início de serem eles próprios, não sendo isso possível em casa (Kidd & Davidson, 2007).

A perceção de suporte pode ser ambígua, ou seja, pode ser uma das razões da diminuição do uso das drogas e para sair da rua, mas também pode complicar o processo de reintegração social e assim as pessoas em situação de sem-abrigo valorizaram as relações que mantêm com pessoas que não estão relacionadas com a rua, pois poderá ser uma ajuda para sair desta condição. Nos estudos destes autores demonstraram que os animais de estimação são das únicas fontes de companhia, proteção e conforto (Kidd & Davidson, 2007; Bender et al., 2007).

Objetivos e questões de investigação

Neste estudo foram analisadas as narrativas sobre a perceção da rede de suporte das pessoas em situação de sem-abrigo, procurando a história, narrativas e as representações

sobre as experiências relacionais atuais. Tentando ainda compreender a qualidade da rede de suporte informal das pessoas em situação de sem-abrigo, nomeadamente com família, pares e voluntários das associações que prestam apoio na rua.

Assim, o presente estudo pretendeu explorar a quem é que os sem-abrigo recorrem em situações de adversidade, com quem partilham as suas experiências e histórias de vida e com quem escolhem socializar. Mais detalhadamente, a análise foi norteadada pelos seguintes temas:

- A história e narrativas de vinculação e representações sobre as experiências relacionais atuais.
- A perceção de suporte social e oportunidades para a partilha de situações de adversidade e histórias de vida.
- A qualidade e a importância das relações com os pares.
- A qualidade e a importância das relações com os técnicos e/ou voluntários (ou outras figuras das instituições de rua).

Método

Participantes

A amostra do estudo foi constituída por 4 sujeitos em idade adulta (ver tabela 1). As idades estavam compreendidas entre 30 e os 50 anos. Os critérios de inclusão da amostra foram pessoas em condição de sem-abrigo, em idade adulta. Foram adotados os seguintes critérios de exclusão: psicopatologia grave, défice cognitivo ou consumo de substâncias comprometedores de um raciocínio compatível com a administração da entrevista.

Tabela 1: Caracterização dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Condição atual profissional	Beneficia de apoios económicos sociais	Situação de sem-abrigo atualmente	Contacto com a família
A	Feminino	31	Casada	5º ano	Empregada	Não	Sim	Sim
B	Masculino	38	Solteiro	4º ano	Empregado	Não	Não	Sim
C	Masculino	47	Solteiro	4º ano	Desempregado	Sim	Sim	Não
D	Masculino	30	Solteiro	6º ano	Desempregado	Não	Sim	Sim

Procedimentos

Para a recolha de dados foram contactadas várias instituições ligadas à população sem-abrigo presencialmente e consequentemente via *e-mail*. No entanto não foram obtidas respostas para a recolha de amostra. O recrutamento dos participantes foi em contexto de voluntariado, combinando uma data e um local favorável aos participantes. No momento da entrevista foram entregues os consentimentos informados. Assinados os consentimentos informados, os participantes interessados no estudo foram entrevistados sobre a temática do estudo. Todos os procedimentos serão realizados de acordo com a lei da Proteção de Dados Pessoais n. 67/68 de 26 de Outubro e Deliberação N.º 227/2007, bem como o código deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses, especificamente o artigo 7. Como forma de retribuição aos participantes do estudo foi oferecida a possibilidade de consultas de psicologia *pro bono* e de integrar grupos de ajuda mútua.

As entrevistas foram realizadas em zonas centrais da cidade do Porto, com uma duração média entre 1 hora e 30 minutos a 2 horas. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, de modo a salvaguardar-se a integridade dos relatos para posterior análise. No entanto, foram tomados cuidados com a omissão dos elementos de forma a proteger a identidade dos participantes.

Materiais/instrumentos/medidas

Aos quatro participantes foi realizada uma entrevista semiestruturada, adaptada do guião da entrevista de McAdams (1995), *The Life Story Interview*, focando alguns tópicos do guião (resumo e fases da história, momentos importantes, desafios, futuros possíveis) e

também questões relacionadas com as relações familiares, relações de amizade e ainda a relação com as instituições de apoio e os respetivos técnicos e voluntários.

A entrevista foi elaborada forma oral e com a gravação de áudio para posterior transcrição e análise, para a gravação utilizou-se um gravador do telemóvel e os auscultadores para a transcrição para suporte informático.

Metodologia de análise

A metodologia utilizada foi a análise temática. Esta análise foi seguida tal como indicada por Braun e Clark (2006), adotando o procedimento de codificação indutiva em que os temas identificados estão fortemente ligados aos dados, não se procurando ajustar a um quadro de codificação pré-existente – data-driven.

Foi utilizado o *software NVivo 11* para o processo de organização, codificação e interpretação dos dados. Para a validação dos resultados, recorreu-se a um co-codificador na análise do material recolhido. A medida utilizada para verificar a fiabilidade do acordo entre juízes nas categorias apresentadas foi o *Kappa* de Cohen que apresentou o valor 0.91. Este valor indica que houve um acordo muito bom entre juízes (Lima, 2013).

Resultados

Para facilitar a leitura apresentam-se seguidamente os resultados de acordo com os temas já referidos que orientaram a análise.

- A história e narrativas de vinculação e representações sobre as experiências relacionais atuais.

Tabela 2: Relações Familiares

Subtemas	Nº. de participantes	Referências
Perceção positiva	3	18
Perceção negativa	2	5

Tendo em conta a tabela 2 é possível verificar que 3 participantes têm perceção positiva da sua família (A: “são as minhas filhas, o mais importante são elas!); (B: Tem um

impacto grande por cada pessoa... família é o elemento importante e principal! “); (D: “eu era muito agarrado aos meus pais... principalmente ao meu pai... à minha mãe também era... sempre foram bons pais!”). No entanto, houve dois participantes que relataram percepção negativa em relação à família, um deles foi o participante D que referiu percepção positiva em relação às figuras de referência, mas que simultaneamente descreve uma antecipação da rejeição em relação à família de grau parentesco mais afastado (tios, primos, etc.) (D: “os amigos não têm obrigação nenhuma de ajudar... A família é que tinha obrigação... Eles não sabem mas mesmo que soubessem era igual...”). O participante C relata sentimentos de raiva e desilusão o que se associa a uma percepção negativa da família (C: “simplesmente há uma pessoa da minha família que ainda é viva.... É a minha mãe... Se ela tiver ali deitada no chão, eu não lhe boto a mão!”).

Tabela 3: Experiência de abandono e rejeição

Subtemas	Nº. de participantes	Referências
Sim	4	41
Não	1	5

A partir da tabela é possível verificar que os quatro participantes vivenciaram histórias de abandono e rejeição (B: “sim encontrei muitas dificuldades.... Muitas portas fechadas... Ninguém queria ouvir.... Ninguém queria tratar comigo... Estar comigo... Falar... Essas coisas... Ninguém queria... Pertença a uma minoria étnica que não conseguia dar dinheiro!”); (C: “Tou farto de ligar para a Dr. D. e tou farto de gastar dinheiro e dizem “ah ela está ocupada”, ela não quer atender...”); (D: “Se os meus familiares soubessem que eu tava assim só criticavam... No dia de consoada já consoei sozinho...”). Apenas o participante B relatou que teve muitas portas fechadas a nível das instituições de apoio às pessoas na condição de sem-abrigo, por outro lado afirmou que teve apoio dos amigos, família e namorada (B: “A minha família tentou-me tirar destas coisas... recusei... como todos os consumidores...”; “O meu amigo disse-me... posso pegar em ti e meter neste mundo, deixas de consumir e saís de rua...”) Tava com ele, falava com ele de certas coisas.... Eu já começava a perceber português...”; “há lá uma pessoa que tava-me trazer atenção... ser amiga e tava a ver que esta pessoa era mesmo maluca como eu, brincalhona e não sei quê... Opá... Começamos a ser amigos e opá... aconteceu! Encontrando esta pessoa senti-me protegido... senti que alguém tá-me a proteger!”). O mesmo participante explicou

que, mais tarde, ainda estava a viver na rua, conheceu uma técnica que o ajudou na reintegração na sociedade.

- A percepção de suporte social e oportunidades para a partilha de situações de adversidade e histórias de vida.

Tabela 4: Percepção de suporte social

Subtemas	Nº. participantes	Referências
Instituições/voluntários	4	7
Amigos	2	6
Família	2	6

Relativamente à tabela 4, os quatro participantes explicaram ter suporte das instituições de apoio às pessoas em situação de sem-abrigo, (A: “Uma das associações davam-me fraldas e tudo...”); (B: “A minha técnica que ela era conhecida neste mundo... híper mega conhecida neste mundo... e esta minha técnica meteu-me numa associação...”); (C: “São estudantes, vêm aí e botam-nos a mão... Há um grupo que é novo... são boas pessoas as miúdas! Ainda ontem trouxeram comida para a cadela... Um saco de ração!”); (D: “Importante é, senão fosse eles andava aí muita gente no lixo, nos contentores do lixo, é que é mesmo assim...”).

Dois dos participantes referiram sentir o apoio dos amigos (B: “O meu amigo faleceu de overdose, mas foi ele que percebeu que queria criar, implementar a minha própria luta...”); (C: “Amigos amigos que são meus é o H. ... É o J. ... E é a C. ... Essa quando me vê em confusões é essa que me costuma segurar... Essa é que me consegue segurar mais ninguém!).

Dois participantes relataram suporte familiar (A: “Foi a minha mãe ter-me aceitado de volta em casa...”); B: “A minha família tentou-me tirar destas coisas... recusei... como todos os consumidores...”).

Tabela 5: Perdas

Subtemas	Nº. de participantes	Referências
Morte	3	7
Rutura	3	7

Ao analisar a tabela 5 é possível verificar que os participantes têm tanto perdas por morte como por rutura, três dos participantes perderam figuras próximas por morte (A: “Foi a minha avó...); (B: “A minha avó... foi a maior perda de minha vida...); (D: “O meu pai morreu à minha frente mesmo... aí custou mais... custou ainda mais... às vezes deixava muitas coisas para ir com ele ao café... principalmente à noite... e a partir daí posso dizer que já não foi a mesma coisa... cheguei-te a dizer há dias que já tive bem e for a partir daí que comecei a descer...). As perdas por rutura também foram relatadas, a participante A que perdeu a avó, explica que perdeu também algumas relações (A: ...“Ele tava sempre a mandar vir, fumava ganza... eu disse-lhe ou escolhes a tua filha ou a mim ou deixavas o que tinhas a deixar.... Ele não quis... e eu vim embora, fui para a rua...”; “Foi uma colega minha... eu gostava muito dela... um dia fui lá jantar a casa... ela trouxe-me a casa e depois veio-me dizer “não precisas mais de vir cá a casa”..) outro participante relata sentimentos de culpa pela rutura por opção do mesmo (C: “Fui eu quem abandonei... A pessoa que me podia ajudar, eu abandonei... Já não sei o nome da doutora...), este mesmo participante explicou que não tem relação com a mãe (C: “simplesmente que há uma pessoa da minha família que ainda é viva... É a minha mãe... Se ela tiver ali deitada no chão que eu não lhe boto a mão!). O participante D que relatou a morte do pai também partilhou que teve várias ruturas nas relações familiares (D: “Depois que o meu pai precisou de uma medicação e recusou 5€ o meu tio... 5€... acabou para mim acabou!)

- A qualidade e a importância das relações com os pares.

Tabela 6: Relações de amizade

Subtemas	Nº. participantes	Referências
Perspetiva negativa	2	7
Perspetiva positiva	3	6

Relativamente à tabela 6 foi possível concluir que dois dos participantes têm uma perspetiva negativa das suas relações de amizade (A: “Elas andavam sempre a falar mal de mim e eu deixei de falar com elas...); (C: “Ele tá lá na casa, eu tou cá fora na rua! O que é que ele merecia?!”). Em relação à perspetiva positiva o participante C, por outro lado, relata também ter amizades boas (C: “São porreiros... São vários... São boas pessoas mesmo!”), os outros dois participantes explicaram a importância das relações de amizade (B: “O meu amigo disse que ia pegar em mim para deixar de consumir e sair de rua!); (D: “Quando tava

lá na minha terra era diferente, andava sempre com eles... Íamos sempre a um bar... A relação era boa!)

Tabela 7: Relações amorosas

Subtemas	Nº. participantes	Referências
Perspetiva positiva	4	13
Perspetiva negativa	0	0

Os quatro participantes relataram a relevância em ter uma relação amorosa, falando do carinho, da companhia e até mesmo do apoio em situações mais difíceis (A: “É o pai da minha filha, gostamos um do outro!”); (B: ”Todos precisamos de carinho... E naquelas baixas precisamos de uma pessoa... Precisamos de uma moleta.... Alguém dar carinho!”); (C: “Quero apanhar uma pessoa que goste de mim e que eu goste dela...”); (D: “Uma pessoa tem mais apoio, não está sozinho... Se calhar até melhora a vida de alguém... Se as pessoas estiverem meias perdidas...”).

- A qualidade e a importância das relações com os técnicos e/ou voluntários (ou outra figuras das instituições de rua).

Tabela 8: Técnicos e voluntários

Subtemas	Nº. de participantes	Referências
Perceção negativa	2	24
Perceção positiva	3	12

Foi criado um tema relativamente à relação com os técnicos e voluntários de apoio por serem figuras essenciais para esta população, dois dos participantes têm uma perceção negativa. Um destes participantes (B) na altura em que esteve em situação de sem-abrigo não havia a quantidade e qualidade de estruturas de apoio que há hoje em dia (B: “Integrar na sociedade esquece... Fazer um acompanhamento mais de perto esquece.... Amor à causa? Não há!), o outro participante relata que algumas instituições poderiam melhorar (C: “Lá uma pessoa trabalhava como um escravo... Dez horas por dia e ainda levantavam o rendimento mínimo...”). Por outro lado, o mesmo participante que referiu que as instituições poderiam melhorar e mencionou o apoio de uma técnica psicóloga que chegou a ter (C: “Eu abandonei... a pessoa que me podia ajudar eu abandonei... Disse-me que me ajudava e eu

abandonei... era psicóloga...”). Os restantes dois participantes ressaltaram a importância dos técnicos e dos voluntários (A: “Davam-me fraldas e tudo...”; “D: “Se não fosse os voluntários andava aí muita gente no lixo, nos contentores do lixo, é que é mesmo assim...”);

Discussão

Comecei este trabalho por explicar a complexidade do conceito de sem-abrigo, fenómeno comum em grupos sociais com particular adversidade social e económica, e ainda com vulnerabilidade à exclusão social (e.g., toxicodependentes, prostitutas, desempregados, imigrantes e minorias étnicas) (Gomes & Gualupe, 2013).

Relativamente ao primeiro tema norteador, a análise de resultados sugere que tende a prevalecer uma valorização no que diz respeito às relações familiares. Três dos participantes explicaram a importância da família, no entanto, as narrativas desta população são também caracterizadas por sentimentos de ambivalência associados à família (Caravaca-Moreira & Padilha, 2015). Mesmo valorizando a família, as narrativas dos participantes foram pouco profundas no que diz respeito a esta temática, ainda assim relataram que não recorrem à mesma. Parece, então, que a família não é uma rede de suporte, havendo uma possível fantasia quando os participantes contam histórias sobre a família e as suas relações familiares. Isto explica que os valores familiares tradicionais prescritos pela sociedade influenciam a vida dos indivíduos, ou seja, quando não vivenciam esses padrões pode originar sofrimento psíquico (Narvaz & Koller, 2005).

Os problemas de saúde mental e de abuso de substâncias aparecem também nas narrativas dos participantes. Três dos participantes revelaram que durante a sua vida tiveram problemas desta natureza. Segundo a literatura, estas dificuldades poderão estar relacionadas com problemas de vinculação, ou seja, crianças com vinculação insegura são mais suscetíveis de manifestar psicopatologia e comportamentos de risco na idade adulta (Mikulincer & Shaver, 2007; Cicchetti, Rogosch, & Toth, 1998; Easterbrooks, Biesecker, & Lyons-Ruth, 2000).

Ainda sobre o primeiro tema, as experiências de abandono e rejeição são aspetos centrais das narrativas dos participantes, constatando-se assim um processo de desafiliação relacionado com perdas e ruturas, quer dos laços sociais, quer dos sistemas sociais (Costa, 2004; Leandro & Ferreira, 2001). Constatou-se que as pessoas em situação de sem-abrigo têm tantas perdas por morte como por rutura, esclarecesse-se como já foi referido no anterior enquadramento teórico, esta população é caracterizada pela “doença dos laços”, sendo as

afiliações essenciais na vida social, para moldarem o seu futuro, seja a nível familiar, seja a nível profissional (Bento & Barreto, 2002).

Inerente ao segundo tema norteador, na literatura, é possível verificar que uma fraca rede de suporte pode contribuir para uma vulnerabilidade social, o que limita a partilha de recursos nas redes informais, o que dificulta a saída desta condição (Caetano & Guadalupe, 2017). Como referido na revisão da literatura deste estudo, segundo Alarcão “a rede social desempenha um papel importante de suporte e é dividida em quatro quadrantes principais: família, escola/profissão, amizade, comunidade (vizinhança e instituições)”. Esta proposta de definição vai de encontro aos resultados obtidos, relativamente à perceção de suporte social. No que diz respeito à importância das instituições e dos voluntários, e a partir das partilhas dos participantes também foi possível comprovar o mesmo. Os técnicos e voluntários que trabalham com pessoas em situação de sem-abrigo são, a maior parte das vezes, as únicas relações que estas têm (Fabian, 2013). Destacou-se as relações familiares, relações de amizade, mas ainda mais a relação com os técnicos e voluntários das associações de apoio a esta condição (Gomes, & Guadalupe, 2013).

No estudo de Williams e Sitckley (2011) concluiu-se que maior parte dos participantes deixaram de ter relação com a família antes de estarem na condição de sem-abrigo, comprovado neste estudo pelos participantes C e D, que afirmam ter fraca relação familiar antes de estarem na rua; e no caso do entrevistado C, passar a inexistente após efetivar a condição de sem-abrigo.

No estudo de Bento & Barreto (2002), os autores explicam que os desafiliados caracterizados por perderem família, amigos e apoios institucionais, o que poderá estar na origem desta condição um mecanismo de defesa, situação verificada no participante A que num episódio da sua vida foi viver para a rua como forma de defesa. A desafiliação parece estar relacionada com a patologia do vínculo e com a patologia da perda, como se verificou nos participantes deste estudo. Neste estudo, consegue-se fazer uma analogia e ir de encontro ao estudo de Bowlby (1980) onde afirma que a experiência da perda pode estar associada a um desejo de reencontro com as figuras perdidas.

Acerca do terceiro tema norteador, dados de estudos empíricos, demonstram que a população sem-abrigo se sente pouco à vontade na presença de outros, demonstrando falta de confiança e descontentamento relativamente às relações interpessoais, validando os sinais de evitamento e revelando uma excessiva preocupação com a possibilidade de serem rejeitados (Carrinho & Pereira, 2010; Bento & Barreto, 2002), como foi possível verificar nos resultados deste estudo.

Em relação à perspectiva positiva das relações de amizade, muitos indivíduos em condição de sem-abrigo formam “famílias substitutas” com outros pares em situação de sem-abrigo em que criam ligações, aumentando assim o sentimento de pertença e segurança (Bender *et al.*, 2007). Referente, ainda, ao terceiro tema, e segundo vários estudos, as pessoas em situação de sem-abrigo valorizam o apoio de amigos e companheiros que os percebem, compreendem e apoiam, pois sentem-se emocionalmente magoados e rejeitados pelos outros, (Bender *et al.*, 2007; McBride, 2012; Williams & Stickley, 2011; NPISA, 2013; FPCEUC, 2015; Barreto, 2000; Kidd & Davidson, 2007). No entanto, neste estudo, foi possível verificar nas narrativas dos participantes que as relações entre os pares são instrumentais, havendo espírito de camaradagem, no entanto, não há confiança, e, conseqüentemente não parecem existir relações de amizade. Os quatro participantes relataram a relevância em ter uma relação amorosa, falando do carinho, da companhia e até mesmo do apoio em situações mais difíceis. Os casais amorosos concedem um ao outro a continuidade dos laços de vinculação, concedendo suporte afetivo emocional, permitindo uma base de segurança o que contribui para uma qualidade de vida melhor. Por outro lado, aqueles que, vivenciam rupturas nos seus laços parecem ter uma maior probabilidade de ter perturbações psíquicas, patologias somáticas e mais comportamentos aditivos (Guedeney & Guedeney 2004).

Relativamente ao último tema norteador, o apoio dos técnicos e voluntários tem-se vindo a revelar fundamental, ao ponto de serem promotores da saída da condição, de serem as únicas relações de confiança e também o único suporte psicológico e afetivo para as pessoas em situação de sem-abrigo. Segundo o estudo de Quintas (2010), 65% da amostra utiliza o apoio dos técnicos e voluntários, salientando a importância destas redes de apoio. Da mesma forma, no estudo de NPISA (2013), 87,3% da amostra beneficia do que as instituições oferecem, nomeadamente, alojamento, alimentação e vestuário. Ainda neste referido estudo, os profissionais desta área assumem um papel relevante, de suporte psicológico e afetivo.

Conclusão

O presente estudo exploratório de cariz qualitativo teve como objetivo analisar as narrativas sobre a perceção da rede de suporte informal das pessoas em situação de sem-abrigo. Tentando compreender a qualidade da rede de suporte informal das pessoas em situação de sem-abrigo, nomeadamente com família, pares e voluntários das associações que prestam apoio na rua. Para cumprir esse objetivo foram reunidos e analisados um conjunto

de dados, quer através de revisão de literatura, quer através de quatro entrevistas semiestruturadas a pessoas em situação de sem-abrigo.

A revisão de literatura teve como intuito definir o conceito, explorar os principais fenómenos associados à condição de sem-abrigo. Concluída esta análise, e para um melhor entendimento deste fenómeno, considerou-se pertinente a análise das entrevistas, relacionando com vários estudos da área para perceber se quais os pontos em comum. Este estudo, seguiu uma lógica de etapas contínuas de recolha, análise e discussão dos dados, sendo objetivo último encontrar conclusões válidas para a problemática em investigação.

Os principais resultados encontrados, demonstram que as pessoas em situação de sem-abrigo valorizam as relações familiares, no entanto, é característica desta condição a ambivalência associada aos seus parentes. Esta população está “acompanhada” de sucessivos abandonos e rejeições, ressaltando que têm tantas perdas por morte como por rutura social, podendo ser uma das causas ou mesmo manutenção do fenómeno. Por isso, o suporte social, das instituições, voluntários, família, e dos pares se tornar tão fundamental para combater um vazio, de quem perdeu (quase) tudo.

Pessoalmente, considero que o objetivo foi atingido, tendo certamente elevado o meu grau de conhecimento nesta área, percebendo, ainda melhor, como (sobre)vivem os sem-abrigo, e ao mesmo tempo permitindo explorar, empiricamente, esta temática tão “familiar para mim, visto que nos últimos três anos faço voluntariado com pessoas em situação de sem-abrigo.

Considerações finais: limitações, sugestões e contributos

Durante a realização deste trabalho qualitativo surgiram algumas limitações, como por exemplo, encontrar participantes disponíveis para a serem entrevistados, já que para participarem no estudo teriam de falar de assuntos tão delicados e sensíveis, por isso, este estudo tem uma amostra reduzida. Foram contactadas várias instituições ligadas à temática e não foi possível recolher amostra nesses locais. A amostra, também, é maioritariamente composta por participantes do sexo masculino.

Relativamente a sugestões para estudos futuros, a aplicação do estudo a um número maior de pessoas em situação de sem-abrigo teria permitido fazer uma análise mais abrangente e representativa da realidade tornando o estudo mais rico. Torna-se, então, pertinente dar continuidade à investigação nesta área, para que a população não se sinta tão abandonada e rejeitada, como habitualmente se sentem. Também poderia serem utilizados outros instrumentos e até uma metodologia mista, quer qualitativa quer quantitativa. Seria,

também, pertinente comparar as narrativas deste estudo com as narrativas das pessoas em situação de sem-abrigo de outras cidades portuguesas e explorar um tema que foi muito saliente nas entrevistas, a discriminação na comunidade sem-abrigo.

Finalmente, este estudo teve como contributos a compreensão do fenómeno que tende a aumentar de dia para dia, entender as relações sociais das pessoas excluídas da sociedade, aumentar a solidariedade da comunidade de forma a combater a isolamento e combater a discriminação e estereótipos relativos à condição de sem-abrigo.

Referências

- Alarcão, M. (2000). (Des) equilíbrios familiares: uma visão sistemática.
- Aldeia, J. (2012). Investigar o fenómeno dos sem-abrigo. Em defesa de uma política ontológica declarada e preocupada. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (97), 133-154. DOI : 10.4000/rccs.4964
- Barreto, E. R. (2000). *Vinculação e relações de objecto dos sem-abrigo: um estudo exploratório* (Doctoral dissertation, Instituto Superior de Psicologia Aplicada).
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal relationships*, 7(2), 147-178. DOI: 10.1177/0265407590072001
- Bender, K., Thompson, S. J., McManus, H., Lantry, J., & Flynn, P. M. (2007, February). Capacity for survival: Exploring strengths of homeless street youth. In *Child and Youth Care Forum* (Vol. 36, No. 1, pp. 25-42). Kluwer Academic Publishers-Plenum Publishers. DOI: 10.1007/s10566-006-9029-4
- Bento, A., & Barreto, E. (2002). Sem-amor, sem-abrigo. *Lisboa, Confrontações*.
- Bowlby, J. (1980). Attachment and other systems of social behaviour. In J. Bowlby, *Attachment and loss* (229-233). New York: Basic.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental psychology*, 28(5), 759. DOI: 10.1037/0012-1649.28.5.759
- Caetano, A. P., & Guadalupe, S. (2017). Rede Social de Pessoas com Consumos Aditivos e Dependências.
- Caravaca-Morera, J. A., & Padilha, M. I. (2015). A dinâmica das relações familiares de moradores de rua usuários de crack. *Saúde em Debate*, 39(106). DOI: 10.1590/0103-1104201510600030015
- Carrinho, P. P. A. (2010) Vinculação na população sem abrigo, livro de actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em psicologia.
- Cicchetti, D., Rogosch, F. A., & Toth, S. L. (1998). Maternal depressive disorder and contextual risk: Contributions to the development of attachment insecurity and behavior problems in toddlerhood. *Development and psychopathology*, 10(2), 283-300.
- da Costa, F. B. (2004). *Homens invisíveis: relato de uma humilhação social*. Globo

Livros.

Easterbrooks, M., Biesecker, G., & Lyons-Ruth, K. (2000). Infancy predictors of emotional availability in middle childhood: The roles of attachment security and maternal depressive symptomatology. *Attachment & Human Development*, 2(2), 170-187. DOI: 10.1080/1416730050085545

Fabian, D. (2013). Homelessness and Mental Health. *The Magazine of FEANTSA*, (s/ volume), 2-3.

Ferreira, J. A., Santos, E. R., Ferreira, A. G., Figueiredo, L., & Rocha, S. (2015) Relatório Situação de Sem-abrigo e Inclusão Laboral. *FPCE, Universidade de Coimbra*.

Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). Vinculação: conceitos e aplicações. *Lisboa: Climepsi Editores*.

Gomes, T. S., & Guadalupe, S. (2013). Redes de Suporte Formal ao Sem-Abrigo na Cidade de Coimbra. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, 11(21).

Gory, M. L., Ritchey, F., & Fitzpatrick, K. (1991). Homelessness and affiliation. *The sociological quarterly*, 32(2), 201-218.

Interinstitucional, G. (2009). Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas Sem-Abrigo. *Prevenção, Intervenção e Acompanhamento*, 2015.

Jesus, M. F. D., & Menezes, I. (2010). A experiência de sem-abrigo como promotora de empoderamento psicológico. *Análise Psicológica*, 28(3), 527-535.

Kidd, S. A., & Davidson, L. (2007). "You have to adapt because you have no other choice": The stories of strength and resilience of 208 homeless youth in New York City and Toronto. *Journal of community psychology*, 35(2), 219-238. DOI: 10.1002/jcop.20144

Leandro, M., & Ferreira, L. (2011). Os laços sociais em questão. Metamorfoses sociais, metamorfoses de uma nação. *Laços familiares e sociais*, 27-57.

Lima, J. Á. D. (2013). Por uma análise de conteúdo mais fiável.

McBride, R. G. (2012). Survival on the streets: Experiences of the homeless population and constructive suggestions for assistance. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 40(1), 49-61. DOI: 10.1111/j.2161-1912.2012.00005.x

Miguel, M., Ornelas, J., & Maroco, J. (2010). Modelo de atitudes face aos sem-abrigo em Portugal. *Análise Psicológica*, 28(3), 437-450.

Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). Boosting attachment security to promote mental health, prosocial values, and inter-group tolerance. *Psychological Inquiry*, 18(3), 139-156. DOI: 10.1080/10478400701512646

Narvaz, M., & Koller, S. H. (2005). A invenção da família. *Pensando famílias*, 7(9),

121-134.

NPISA. (2013). As pessoas sem-abrigo em Oeiras.

Quintas, S. (2010). *A percepção dos técnicos e indivíduos “sem-abrigo”: Histórias ocultas de uma realidade do Porto*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.

Rueger, S. Y., Malecki, C. K., Pyun, Y., Aycock, C., & Coyle, S. (2016). A meta-analytic review of the association between perceived social support and depression in childhood and adolescence. DOI: 10.1037/bul0000058

Sarason, I. G. (Ed.). (2013). *Social support: Theory, research and applications* (Vol. 24). Springer Science & Business Media.

Townsend, P. (1987). Conceptualising poverty. *Dynamics of Deprivation, Aldershot: Gower*, 31-44.

Valverde, C. V., & Muñoz, M. (1998). Las personas sin hogar: aspectos psicosociales de la situación española. *Psychosocial Intervention*, 7(1), 7-26.

Widom, C. S., Czaja, S. J., Kozakowski, S. S., & Chauhan, P. (2017). Does adult attachment style mediate the relationship between childhood maltreatment and mental and physical health outcomes?. *Child Abuse & Neglect*. DOI: 10.1016/j.chiabu.2017.05.002

Williams, S., & Stickley, T. (2011). Stories from the streets: people's experiences of homelessness. *Journal of psychiatric and mental health nursing*, 18(5), 432-439. DOI: 10.1111/j.1365-2850.2010.01676.x

Anexos

Guião da Entrevista Semiestruturada

Caracterização sociodemográfica dos participantes

1. Sexo
2. Idade
3. Estado Civil
4. Nacionalidade
5. Escolaridade
6. Com/sem filhos
7. Contacto com a família
8. Com quem vive
9. Profissão
10. Condição atual profissional
11. Condição económica atual: dependente de subsídios, trabalho, outros
12. Onde está a morar atualmente
13. Quanto tempo está nesta situação
14. Apoio médico (Sistema Nacional de Saúde)
15. Serviço social (facilidade no contacto com a assistente social)
16. Quando está hospitalizado a quem recorre
17. Onde faz as suas refeições e higiene

A. Capítulos da Vida

Pense na sua vida como se fosse escrever um livro ou fazer uma novela. Ora, os livros e as novelas têm um índice, com os títulos dos capítulos ou as partes principais da história. Algumas pessoas organizam a vida em três capítulos - infância, adolescência, vida adulta -, mas pode criar os capítulos que quiser... (adjetivos sobre infância, adolescência e vida adulta).

B. Cenas chave na história de vida

Pense numa cena chave, na sua história de vida, que se destaca por um motivo especial – talvez porque foi um momento especialmente bom ou mau, que a marcou, que foi importante ou que nunca mais vai esquecer.

1. Ponto alto

Queria que me contasse o melhor momento de toda a sua vida, ou então, um momento muito feliz, agradável, emocionante. Fale-me um bocadinho...

2. Ponto mais baixo

E será que me pode falar um pouco de um episódio menos bom... um dos piores da sua vida.

3. Ponto de viragem

Olhando para trás, agora, tente contar-me um episódio da sua história que vê como sendo um um momento em que a sua vida mudou.

4. Memória da infância positiva

Queria que me falasse de uma memória dos primeiros anos da sua vida (infância ou adolescência), que se lembra por ser positiva ou muito boa. O que é que esse momento diz sobre si ou a sua vida?

5. Memória da infância negativa.

Agora, gostava que partilhasse comigo uma memória dos primeiros anos (infância ou adolescência), que se lembra por ser negativa ou má. Deve ser uma memória muito negativa e infeliz dos seus primeiros anos. O que é esse momento diz sobre si ou sobre a sua vida?

6. Memória adulta marcante

Mais recentemente e desde que é adulto há algum episódio marcante na sua vida? Quer-me falar-me um bocadinho disso? O que é que essa cena ou momento diz sobre si, a sua forma de ser ou a sua vida?

7. Acontecimento “sábio”

Há alguns momentos na nossa vida que mesmo sem dando conta tomamos as decisões certas. Houve algum momento na sua vida que sentiu que mais sábio? Pode-me contar esse episódio?

8. Perda

Todos nós, à medida que os anos passam, vamos sofrendo algumas perdas – estou a referir-me a perder pessoas importantes na nossa vida, ou por morte, separações, etc. Olhando trás, qual foi a maior perda (de pessoas) que já sofreu?

Podemos falar agora um bocado sobre a sua família, os seus amigos, sobre as suas relações...

- Sente que tem recebido apoio necessário? (família, dos amigos, dos profissionais das instituições, da comunidade).

- Na sua opinião qual a importância da família?
- Como é a sua relação com a família? E como era antigamente?
- Quem procura quando tem um problema? E antigamente?
- Sente que as pessoas lhe viraram as costas ou fizeram tudo por si?
- Quem são as pessoas mais se relaciona neste momento? E antigamente?
- E os amigos quem conhecia antes de estar na rua? Mantém contacto com eles?

Qual é a importância de cada uma destas pessoas?

- É difícil para si aproximar-se dos outros? Porquê?
- Nas suas relações tende a confiar nos outros?
- Fez novas amizades desde que está na rua? Quem são os seus amigos? Alguns

destes amigos partilham a mesma condição de sem-abrigo?

- Como é a sua relação com os voluntários das equipas de rua (“carrinhas”)?
- Em que medida se identifica com as pessoas com quem convive?
- Sente-se mais diferente ou mais semelhante destas pessoas com quem agora

convive?

- E em relação às pessoas com quem tinha relação antes de estar na rua, sente-se mais diferente ou mais semelhante destas pessoas com quem agora convive?

- E como acha que os outros o vêem?
- Qual é a importância de uma relação amorosa?
- Tem alguma relação amorosa? (Se sim) como descreve essa relação? Que

importância tem essa relação na sua vida?

- Na sua opinião, quem é que poderia ajudá-lo ou teria o dever de o fazer?
- Por fim, pedia-lhe que me contasse os seus sonhos.